

MUNDO ^{do} LEITE

DBO
EDITORES

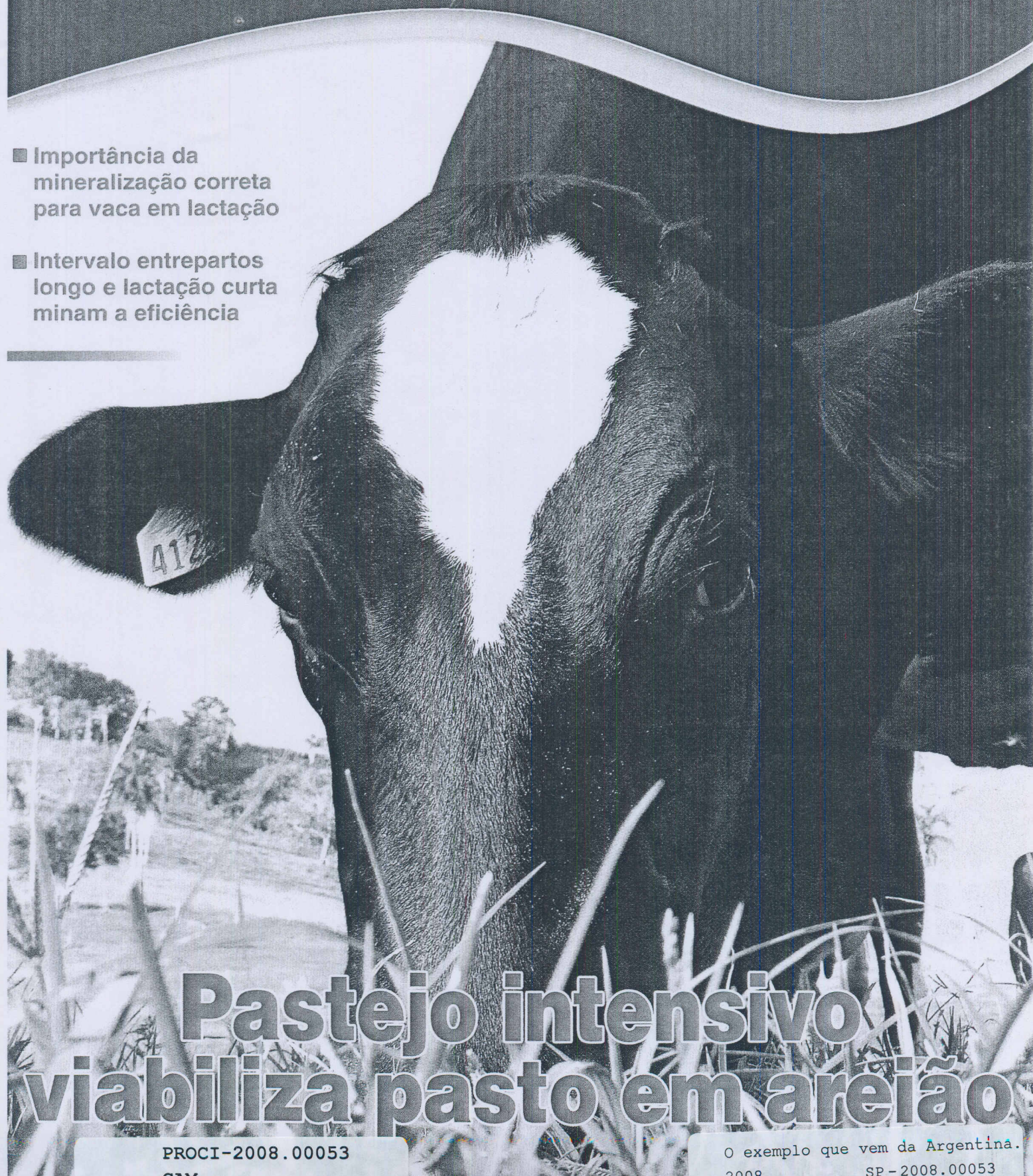
Jun/Jul 2008
Ano 6 • Nº 31 • R\$ 7,00

A Revista do Mercado Lácteo

www.mundodoleite.com.br

■ Importância da mineralização correta para vaca em lactação

■ Intervalo entreatos longo e lactação curta minam a eficiência



Pastejo intensivo viabiliza pasto em areião

PROCI-2008.00053

CAM

2008

SP-2008.00053

O exemplo que vem da Argentina.
2008 SP-2008.00053



17806-1



O EXEMPLO QUE VEM DA ARGENTINA

Dia 25 de março de 2008, a manifestação dos produtores rurais da Argentina, iniciada cerca de duas semanas antes, culminou com o fechamento de rodovias e manifestações por todo o interior do país e teve como resposta um duro discurso por parte do governo. A novidade é que a manifestação contou com a adesão também da população urbana, o que não é normal.

Uma senhora de classe média saiu de sua casa em Buenos Aires e foi para a esquina manifestar o seu descontentamento. Somaram-se ao protesto outras pessoas e, em pouco tempo, uma multidão tomava as principais avenidas da capital, promovendo um painel gigante, até chegar ao centro do poder, defronte à Casa Rosada.

Não me atrevo a discutir as medidas que o governo argentino tomou contra os interesses dos produtores rurais e nem a intensidade do movimento deflagrado por esses. Mal e porcammente dou conta do que acontece no Brasil. O que me chamou a atenção foi a reação da classe média urbana, que, mesmo sabendo que as medidas do governo (a taxa das exportações de produtos agropecuários) lhe seriam favoráveis num primeiro momento, tiveram consciência de que elas acarretariam uma desestabilização no meio rural, pondo em risco, a médio e longo prazos, a oferta de alimentos no país. A manifestação me chocou pelo grau de conscientização e de cidadania que a população argentina atingiu. Senti muita inveja nessa hora.

No Brasil, não haveria, talvez, nem a movimentação dos próprios prejudicados diretos, ou seja, dos produtores, quanto mais da população urbana que seria a maior beneficiada pelas medidas do governo. Os seres urbanos brasileiros, de todas as classes é bom que se diga, provavelmente, esfregariam as mãos num sinal de aprovação às medidas contra os produtores, pois os alimentos ficariam mais baratos. Quer um exemplo recente? Muitas

peças urbanas aprovaram o cancelamento por parte do mercado europeu da compra de nossa carne, pensando no seu churrasquinho no final de semana, que ficaria mais em conta.

Essa mentalidade tupiniquim de levar vantagem em tudo, pensar em si próprio e não se ter uma consciência de nação, é que pesa no sentido contrário da balança dos aspectos favoráveis ao Brasil, que é a de ser o maior celeiro do mundo, o grande provedor de alimentos que o planeta tanto irá necessitar. Como atingir tal missão se nossa agricultura é constantemente atacada por sua sociedade? Ora os produtores rurais são depredadores ambientais, ora são escravistas, ora utilizam mão-de-obra infantil, ora são caloteiros, ora produzem alimentos contaminados e assim por diante.

O pior é que, na minha opinião, essa idéia de levar vantagem em tudo irá nos assolar por mais uns 150 anos, até que sejamos, realmente, uma nação. Até lá continuaremos com os “salve-se quem puder”; “eu estou bem, que se dane o meu vizinho”; “o problema não é meu”; “isso não me diz respeito”. Para aquela senhora da capital portenha, estava tudo bem, o problema também não era dela, muito pelo contrário, ela, bem como as outras milhares de pessoas urbanas que participaram da manifestação, iriam ser beneficiadas com as medidas do governo, e mesmo assim deixaram seus lares durante a noite e foram protestar a favor não dos produtores e sim do país.

Algumas pessoas podem estar pensando da seguinte forma: “se ele está achando tão bonito o que ocorreu lá, e aqui a atitude das pessoas seria exatamente o oposto, porque ele não se muda para lá?”.

Porque fugir seria muito fácil. Eu aprendi com meus mestres Vidal Pedrosa de Faria e Moacyr Corsi, da Esalq, e procuro repassar para os técnicos com quem trabalho, que fugir é covardia. Se todos estão correndo do fogo que consome a mata, continuarei a levar água para tentar apagá-lo. Precisamos mudar o rumo dessa história, não importando se levará 10, 50 ou 150 anos para sermos realmente cidadãos.

O projeto Balde Cheio foi nossa resposta à lei de “levar vantagem em tudo”. Estamos mudando a cabeça das pessoas. Lentamente, uma a uma, numa missão quase jesuítica. Cada cidadão recuperado já terá sido uma vitória e vai ter valido a pena todos os sacrifícios. Esse projeto é muito, mas muito mais do que um trabalho de produção de leite em pastagens divididas em piquetinhos irrigados. É um dos poucos projetos de transferência de tecnologia existentes no país. Eu, o André Novo, o Fernando Campos e o Marco Bergamaschi da Embrapa de São Carlos (SP) e mais um punhado de técnicos de várias entidades e por nós credenciados para desenvolver esse trabalho, deixamos nossos lares e o convívio com nossas famílias por semanas e semanas ao longo do ano.

Estamos nos expondo para levar uma pouca de esperança a produtores como o Dilson, de Porto Acre (AC); o Lucas, de Medeiros Neto (BA); o Elias, do Assentamento Pan em Nova Alvorada do Sul (MS), o Sebastião de Bom Sucesso (MG), o Valderi, de Nova Cantu (PR); o Gilson, de Bom Jesus do Itabapoana (RJ), o Max Spanhol, de São Felipe d'Oeste (RO); o Sedimar Zanchettin, de São Lourenço d'Oeste (SC); o seu Zé e dona Glória, de Jacareí (SP); o Domingos, de Colméia (TO) e centenas de produtores que reencontraram a alegria de viver e o direito de sonhar. Todos eles estão descobrindo o que significa a palavra cidadania. Estão descobrindo que o EU pode muito pouco, mas que o NÓS é poderoso. 